

Brasileiros estudam sua biodiversidade



Assunto: *Brasileiros estudam sua biodiversidade*

Fonte: *Sônia Beatriz de Barros – Jornal do Brasil*

Data: *30 de julho de 1999*

Há uma semana, a Extracta, empresa da incubadora Pólo Bio-Rio que funciona no campus da UFRJ, assinou um contrato de três anos com o laboratório multinacional Glaxo-Wellcome no valor de US\$ 3,2 milhões. Os cientistas brasileiros vão pesquisar compostos naturais que resultem em antibióticos, anti-inflamatórios e para tratamento de doenças tropicais como a dengue. "Estamos apostando nos cientistas brasileiros. É um passo sem precedentes para o futuro da ciência e da pesquisa no Brasil", comemora Jorge Raimundo, presidente do laboratório para toda a América Latina.

É a primeira vez que uma companhia brasileira participa do processo de pesquisas de um grande laboratório, embora a Glaxo seja um dos que mais investem em pesquisa e desenvolvimento e mantenha em Singapura um grande laboratório voltado apenas para produtos naturais. "Das 100 drogas mais vendidas no mundo, 42 foram criadas a partir de compostos naturais", explica o professor Antonio Paes de Carvalho, presidente da Extracta.

A equipe do professor vai pesquisar inicialmente amostras de plantas colhidas na Floresta Amazônica e mata Atlântica (região do Espírito Santo) e com elas dar a partida para a criação de um banco de moléculas naturais, com pelo menos 30 mil compostos. Do valor total do contrato, pouco menos de um quarto (US\$ 600 mil) será destinado à compra de equipamentos de última geração, robotizados.

O equipamento já foi adquirido no exterior e a equipe do professor Paes acredita que até o fim do ano já estará trabalhando a pleno vapor nos alvos biológicos definidos. O cientista não revela quais as plantas que primeiro serão pesquisadas, mas esclarece que, caso uma nova droga seja descoberta e patenteada, até 3% dos royalties sobre as vendas líquidas do produto serão reinvestidos na própria Extracta, nos centros de pesquisas ou retornarão em benefícios para as comunidades onde a biodiversidade for pesquisada.

Paes de Carvalho e Jorge Raimundo fazem questão de deixar claro que o contrato entre as empresas de ambos só foi possível por ter o Brasil firmado a nova lei de patentes. Raimundo vai além e ressalta que o contrato "está plenamente de acordo com a convenção das Nações Unidas de 1992 sobre biodiversidade", deixando claro que a nova lei de patentes levou a Glaxo a apostar em um trabalho, pioneiro na América do Sul.